

***Caroline Vasconcelos Ribeiro***, UESB/IBPW/IWA: *entrevistada por Daniela Guizzo*, IBPW/IWA\*

**Link para a entrevista no Instagram do IBPW:**  
**<https://www.instagram.com/p/CjEdBVUpZkj/>**

**Daniela Guizzo:**

Carol, vou fazer para você a pergunta que faço inicialmente para todas as pessoas que vêm aqui conversar comigo sobre seu trabalho. Como você chegou ao nosso querido Winnicott? Como iniciou seus trabalhos? Queria que contasse um pouco para as pessoas dessa fase inicial de sua pesquisa sobre Winnicott.

**Caroline Vasconcelos:**

Dani, muito obrigada pela companhia, por estar aqui me entrevistando, pelo cuidado de ter lido meus textos. Quero dar boa noite a todas as pessoas que estão aqui nos escutando e dizer que meu contato com Winnicott se deu por ocasião da minha seleção de doutorado. Quando fui fazer a prova de doutorado – sou psicóloga de formação e já tinha feito mestrado em filosofia na Federal da Paraíba –, eu estava interessada em seguir estudando filosofia pura. Filosofia só Heidegger; Heidegger me arrebatara de tal forma que eu não queria mais mexer com psicologia. Mas, na ocasião da entrevista da minha seleção de doutorado na Unicamp, o professor Loparic estava na mesa e me perguntou, porque viu que eu era psicóloga, se eu não tinha interesse em dialogar com a filosofia e com a psicanálise.

Eu disse que já tinha ido para a filosofia, que tinha me encontrado em Heidegger e que não pensava nessa hipótese. Ele então me perguntou se eu conhecia Winnicott. Fui honestíssima. Disse “muito pouco” porque, afinal de contas, na graduação a gente conhece muito pouco de Winnicott, né? Mas ele insistiu nessa possibilidade, de eu, enfim, amadurecer a possibilidade de discutir Heidegger e Winnicott.

E é assim que fui estudar Winnicott. E, se Heidegger me arrebatou, Winnicott me arrebatou duas vezes mais. Minha vida foi tocada profundamente por essa teoria, não só do ponto de vista cognitivo, conceitual, mas emocional mesmo. Quando falo dessa teoria, quando estou dando aula, eu me emociono, me arrepio muitas e muitas vezes.

---

\* Entrevista originalmente veiculada ao vivo no Instagram, em 28 de setembro de 2022.

Por conta disso, fiz esse caminho que me levou ao que acho que hoje seja o meu lugar, um lugar que mistura cognição, conceitos, rigor, mas também muito afeto, que é o diálogo entre Heidegger e Winnicott. Foi aí que começou. Vou dar o tempo, foi em 2001, faz 21 anos.

**Daniela Guizzo:**

Em 2001, na Unicamp, com o professor Loparic. Mas eu lembro de você também lá na PUC. Você também assistia a aulas na PUC nessa época?

**Caroline Vasconcelos:**

Sim, exatamente. Depois que comecei a estudar na Unicamp, passei a fazer disciplinas na PUC às sextas-feiras. Foi quando eu te conheci, era uma turma bem bacana. A gente estudava, sempre tinha um texto de Winnicott com o Loparic. Eu vinha de Campinas, assistia à aula e depois ia embora. Na verdade, eu vinha só para assistir à aula.

**Daniela Guizzo:**

E você morava na Bahia. Você vinha só para essas aulas?

**Caroline Vasconcelos:**

Quando a gente se encontrou lá, acho que nos idos de 2005 ou 2006, na PUC, eu estava afastada para cursar o doutorado na Unicamp. De modo que eu morava em Campinas. Eu vinha de Campinas; saía sexta cedo, ia assistir à aula e voltava para Campinas.

**Daniela Guizzo:**

Em 2005, você publicou o artigo “A realidade como questão em Heidegger e Winnicott” na revista *Natureza Humana*. Nele você investiga como, em Heidegger, o problema da realidade não é colocado em moldes metafísicos, mas retomado como problema ontológico a partir da analítica existencial do *Dasein*. A partir desse seu estudo sobre a realidade em Heidegger, você apontou o quanto a psicanálise winnicottiana nos legava uma forma não metafísica de entender a experiência humana. Você pode nos falar um pouco sobre a construção de seu artigo? Sobre como a análise do problema da realidade em Heidegger ajudou a entender o desenvolvimento teórico do acesso à realidade em Winnicott?

**Caroline Vasconcelos:**

Uma coisa que me tocou muito em Heidegger quando o conheci, ainda na graduação em Psicologia, é o quanto ele nos oferece uma visão de ser humano muito diferente da que tradicionalmente a gente aprende na história da filosofia. A ideia do ser humano como *Dasein*, como um ser lançado no mundo, com outras formas de lidar com o mundo que não somente a racional e a mental, me tocou muito.

Bom, aí, quando comecei a estudar (e lá, no parágrafo 43 de *Ser e o tempo*, Heidegger vai discutir que nosso modo de acesso originário à realidade não é a cognição, a inteligência, mas

sim nossos afazeres cotidianos, nossa ocupação cotidiana) eu exclamei: “Poxa, que legal isso! Ele está mostrando algo que a tradição não viu.”

Quando fui para Winnicott, me chamou muito a atenção o fato de ele falar que nós acessamos diferentes sentidos de realidade e que esse acesso começa com uma realidade subjetiva, depois passa por uma realidade transicional, para depois chegar a uma realidade objetivamente percebida. Percebi que havia afinidades ali. Tanto um como o outro discutia a questão do acesso à realidade de uma forma diferente da de sua tradição. No começo, foi isso que me chamou a atenção e foi o primeiro caminho de afinidades que encontrei entre os dois. Os dois discutem modos não intelectuais de acesso à realidade. Esta foi a coisa que, desde o começo, me chamou mais a atenção.

**Daniela Guizzo:**

E qual foi o conceito que mais te aproximou para chegar a essa conclusão que você aponta para nós no artigo. Você seguiu algum conceito chave, por exemplo?

**Caroline Vasconcelos:**

A minha questão era: como é que, de diferentes formas, um faz filosofia, faz ontologia, e o outro faz ciência concreta, ôntica (se a gente puder usar um termo de Heidegger)? Pois os dois, de alguma forma, olharam para o ser humano; claro, Heidegger para o ser humano adulto, e Winnicott desde a gestação até o adulto, até o envelhecimento.

Como esses dois foram tocados por uma inquietação diante de um modelo de entender o ser humano que sempre colocou em destaque o mental? Esta foi a questão que mais me aproximou de ambos. Os dois, de formas diferentes, estavam destronando o imperativo da racionalidade, o imperativo do mental como a forma primeira de acessar o mundo. De diferentes formas, eles fizeram esse exercício. De fato, foi isso que me chamou mais a atenção.

**Daniela Guizzo:**

Entendi. Foi essa noção de mente que Winnicott colocou e também aquele artigo que você usou bastante, “A mente e a sua relação com o psicossoma”. Vejo que você tem também bastante interesse pelas questões do corpo, sim?

**Caroline Vasconcelos:**

Sim, o corpo veio mais tardiamente. Comecei a pensar assim: “Olha, do mesmo jeito que os dois destronaram a ideia de racionalidade como via de acesso, tanto Heidegger como Winnicott se sentiam insatisfeitos com a ideia de que o corpo se reduz aos aspectos anatômicos e fisiológicos”. Claro que Winnicott avança sobremaneira em relação ao que Heidegger discute, porque Heidegger não é um clínico. Heidegger não atendeu bebês e não atendeu pacientes psicóticos que trazem consigo a experiência de não se sentirem pertencentes ao corpo, a

sensação de não pertencimento ao corpo. Ou até mesmo aquele comecinho em que o bebê pega o próprio pé e tenta colocar na boca, pois não tem ali uma integração psicossomática que lhe permita entender que aquele corpo é dele.

Heidegger não teve essa experiência. Mas, ao mesmo tempo, ele traz outra questão, a do corpo que foi pensado na tradição filosófica como coisa, como *res extensa*, especialmente na tradição a partir de Descartes, que influenciou muito, inclusive, a medicina. Ele discute isso nos *Seminários de Zollikon*, em que fala que a experiência humana de corpo implica um corpo vivido, isto é, da maneira como estou no mundo eu vivencio o meu corpo.

Vi ali um caminho comum, não obstante o fato de ver também diferenças, uma vez que, para Winnicott, o corpo é algo que eu conquisto com o amadurecimento e, para Heidegger, o *Dasein* humano já corpora. Há diferenças, portanto, mas há também afinidades.

**Daniela Guizzo:**

Acredito que sejam avanços dentro de seus estudos, pois logo na sequência desse artigo de 2005 você escreveu em 2007 “Heidegger e Winnicott: Pensadores da origem”, publicado na revista *Winnicott E-Prints*. Nesse artigo, você fez uma conexão entre a postura heideggeriana em relação à história do ser e a postura winnicottiana em relação à história do paciente.

Achei interessante, muito bem construído. E você concluiu seu estudo dizendo que Winnicott apontou para um princípio humano mais primitivo que o do aparelho psíquico freudiano. Queria que você contasse para o público como que chegou à conclusão de um princípio humano mais primitivo em Winnicott.

E como que a filosofia de Heidegger te ajudou a chegar a esse ponto em seu artigo? Pode nos falar um pouquinho sobre essa questão do princípio humano mais primitivo? Por favor, Carol.

**Caroline Vasconcelos:**

Vamos lá. Outra coisa que me chamou a atenção quando comecei a discutir o sentido de realidade foi: “Bom, se eu acesso a realidade, não está garantida sequer a minha sensação de ser real”. Por conta disso, resolvi falar como a condição humana começa, como é o princípio da condição humana. E aí, se a gente vai à psicanálise tradicional, freudiana, a gente entende que nós todos começamos como um aparelho psíquico (o qual tem início com o id), que as exigências da realidade fazem o ego acontecer (como um precipitado do id) e que o superego vem depois, como herdeiro do complexo de Édipo. Isso é Freud. Mas é como se não estivesse em questão a sensação de que eu tenho uma posição a partir da qual viver. Essa posição já existe, mas é como se já estivesse dada na psicanálise de Freud. Em Winnicott, a gente aprende que estar numa posição a partir da qual viver, isto é, sentir minhas experiências em primeira

pessoa, é uma conquista do amadurecimento, o que implica cuidados maternos e cuidados ambientais. E estes podem não se dar. Nesse sentido, entendo que, para Winnicott, existe um princípio um pouco (parece pleonástico isso aqui) mais primitivo do que a ideia de aparelho psíquico.

Em que medida Heidegger foi importante para mim? Quando Heidegger faz o movimento de buscar a origem da filosofia, ele diz: “Existem elementos impensados nessa origem que a gente não pode datar como uma historiografia”. Essa ideia do impensado me lembrou um pouco um começo que não é garantido historicamente, com uma linha de tempo, mas é um começo que pode vir a acontecer, que pode dar certo se houver o cuidado.

Ficou muito clara para mim uma ideia que eu tinha lido num texto da Elsa Dias, “Temporalidade e esquizofrenia: Heidegger e Winnicott”, em que ela diz que o nascimento biológico não equivale a um nascimento ontológico, ou seja, o fato de um bebê ter nascido, de estar biologicamente ali em todas as condições de ter uma biografia, não significa que ele já se sente em primeira pessoa, em uma posição a partir da qual viver.

Por conta disso, o nascimento biológico tem que ser seguido de um nascimento ontológico, o que significa o nascimento que se dá mediante o cuidado humano. Essa chamada me fez pensar: “Bom, isso parece um pouco a ideia de Heidegger de que há algo que não é datável, que não é historiograficamente computável, catalogável, mas que é original, que está na origem.” Foi essa a conexão entre os dois que estabeleci.

**Daniela Guizzo:**

Você reforça no artigo, Carol, a importância que Winnicott dá para a história do paciente. Agora você traz também uma citação de Elsa Oliveira Dias, que tem a habilidade de nos esclarecer sobre essas questões que vem muito do clínico. No seu artigo, você também coloca luz nessa questão de Winnicott como clínico para pensar as origens.

**Caroline Vasconcelos:**

Sim. Isso porque quando ele mostra que existem pessoas que carregam consigo a memória de um colapso, de angústias impensáveis, que precisaram deixar de ser espontâneas e reagir, que não estão vivendo a própria vida como uma história pessoal, que estão sempre em sobressalto, tentando se defender, ele está falando de uma experiência clínica que ilustra esse elemento teórico.

Nem todo mundo tem um começo bem garantido. Nem todo mundo tem uma história de vida, apesar de a gente olhar do lado de fora e pensar que, sim, fulano tem uma biografia, nasceu no ano tal, foi para a escola no ano tal, o primeiro dentinho caiu no ano tal. Isso é uma biografia. Mas, como diz a Elsa também em outro texto importante, o livro sobre a

confiabilidade: “Existem pessoas” (e ela pega isso de Kafka) “que são não nascidas”. O que é essa experiência de não ser nascido? É a experiência de que, apesar de eu operar no mundo, atuar no mundo, inclusive até ter êxito, eu não me sinto inteiro. Eu não me sinto nascido. Ela cita uma passagem de um diário de Kafka em que ele diz: “Ainda não ter nascido, ainda ter que ir pra rua e cumprimentar as pessoas”.

Então, com toda a sua genialidade poética, Elsa pega essa referência e mostra que, sim, existem pessoas que, apesar de estarem adultas e até terem às vezes uma trajetória exitosa, apesar de parecer que está tudo indo bem, o intelecto extremamente hiperbolizado, uma história de vida exitosa (entre aspas), como o caso Schreber, elas não se sentem habitando o próprio corpo.

Schreber sentia o corpo perpassado por raios, como se fossem o inimigo. É essa experiência de não nascimento, de não garantia, que a clínica de Winnicott trouxe para que a gente possa até flertar com a filosofia e mostrar: “Olha, a filosofia ainda não apresentou uma teoria que fale dos não nascidos; para isso, é preciso a clínica.” É isso mesmo que você apontou, Dani.

**Daniela Guizzo:**

E aponte porque você deixa bem claro nesse artigo de 2007, cuja leitura recomendo e no qual você coloca a postura de Heidegger em relação à história do ser e a de Winnicott em relação à história do paciente. Carol, tem também outro, de 2019: “Para além do inconsciente verbalizável e da memória lacunar: a psicanálise sob o olhar de Loparic”.

Esse seu artigo é uma homenagem à fecundidade do pensamento de um dos maiores estudiosos da psicanálise winnicottiana, o professor Loparic. Senti isso no artigo. Você analisa inicialmente a maneira com que esse pensador aprofunda a crítica de Heidegger ao conceito freudiano de inconsciente.

Em seguida, examina a relação entre o inconsciente verbalizável e o preenchimento de lacunas na memória. E, no final, apresenta a formulação lopariciana do inconsciente agônico e não verbalizável em Winnicott. Você fez todos essa sequência de pontos, né? Senti que é uma retomada importante do pensamento do professor Loparic.

Senti também que você traz nesse artigo um amadurecimento de todos os seus estudos anteriores, para além dos estudos de Winnicott e Heidegger. Vi também que você atualmente se debruça sobre o importante e incansável trabalho do professor Loparic. Seu artigo é uma retomada disso. Queria que você falasse um pouquinho sobre as ideias contidas nesse artigo e, atualmente, como que as ideias do professor Loparic têm iluminado seus estudos para além de Winnicott e Heidegger.

Foi isso mesmo que eu entendi do seu artigo?

**Caroline Vasconcelos:**

Entendeu tudo. Entendeu perfeitamente, entendeu de verdade. Fico até emocionada quando falo do professor Loparic, porque sou de enorme gratidão intelectual e pessoal a sua presença em minha vida. Há uma imagem de Heidegger que eu gosto muito, em *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*, em que ele diz: “Pensou-se durante muito tempo que era a razão, que era a clareira, mas a clareira é a condição para a luz da razão entrar”. Gosto muito dessa metáfora da clareira e da floresta que Heidegger usa. Para o sol entrar na floresta é preciso haver um descampado, uma clareira, senão a copa das árvores fecha tudo e a luz não incide.

Para mim, o professor Loparic, o pensamento do professor Loparic, tudo o que o professor Loparic discute, desde 1994, no diálogo que iniciou nessa época entre Heidegger e Winnicott, é uma clareira. Ou seja, é nessa clareira que consegui achar um lugar para habitar. E a luz que sinto, que emana das minhas leituras de Heidegger e das minhas leituras de Winnicott, só pode emanar porque habito nessa clareira que o professor Loparic desbravou de maneira vanguardista, esse elo entre Winnicott e Heidegger, e de maneira muito profunda. Meu texto de 2019 é uma homenagem ao professor Loparic, a tudo o que aprendi com seu pensamento, com a fecundidade do seu pensamento. O olhar de Heidegger para a psicanálise é muito sumário, é muito resumido, porque está contido praticamente em uma obra só, os *Seminários de Zollikon*, que é um livro de atas. De modo que é tudo muito condensado, muito rápido. O que Loparic fez foi pegar aquelas teses e se aprofundar. Mais do que isso, pois em *Zollikon* Heidegger diz: “É preciso que haja uma ciência, uma ciência ôntica, concreta das condições humanas que não seja devedora da metafísica”.

Loparic vai mostrando, ano a ano, como a pesquisa de Winnicott é essa ciência que não é devedora de uma visão de “ser o mundo” ou do ser humano como um sujeito que objetiva a realidade, que não é devedora da ideia de que o ser humano é um aparelho, uma máquina psíquica.

Assim, me senti muito honrada, porque o artigo foi publicado no Festschrift dos 80 anos do Loparic. A Elsa me convidou e senti que era importante prestar essa homenagem ao professor Loparic, especialmente porque ele consegue formular de maneira muito clara essa ideia. Se em Freud temos um inconsciente reprimido de algo que aconteceu, de algo que não deveria ter acontecido e foi reprimido, em Winnicott a gente tem que falar de um inconsciente de cuidados a um bebê que deveriam ter acontecido e não aconteceram.

Winnicott mostra isso um pouco em “O medo do colapso”, ele mostra isso em “Psicologia da loucura”, mas Loparic sistematiza essa noção. E sistematiza mostrando que ali

– nesse bebê que teve que reagir ao invés de seguir sendo e que sabe o que é ser deixado cair para sempre enquanto experiência de angústia impensável – habita um inconsciente não de algo que aconteceu, mas de um cuidado que deveria ter acontecido e não aconteceu.

Ele então formula a ideia de um inconsciente não acontecido, ou inconsciente agônico, que traz em si agonias impensáveis. Se o inconsciente reprimido de Freud nos remete ao paciente psiconeurótico, o inconsciente não acontecido vai nos remeter ao paciente psicótico que Winnicott tanto nos apresentou e com o qual tanto trabalhou. Meu texto é, assim, uma tentativa de sistematizar a ideia fecunda do professor Loparic de que existem tipos de inconscientes na psicanálise. Existe um inconsciente reprimido, que é verbalizável pela cura, pela fala na clínica da psicose. E existe um inconsciente que não é da ordem do dizível, do verbalizável, mas que precisa ser experienciado, precisa ser vivido pela primeira vez numa regressão à dependência. É uma genialidade do professor Loparic essa formulação.

Rapidamente, só para falar de memória, isso também me permitiu pensar que, se em Freud existe uma memória cujas lacunas eu preencho, em Winnicott há uma memória não lacunar, ou seja, uma memória que vai ser vivida pela primeira vez na revivência – isto é, na primeira vivência dentro da regressão à dependência – do colapso que aconteceu, visto que não havia naquela ocasião alguém inteiro para dar sentido a ele.

Meu texto é um texto grande, às vezes até um pouco denso, mas acho que mostra bem esse itinerário, conforme você destacou.

**Daniela Guizzo:**

O professor Loparic nos fala bastante da revolução winnicottiana, mas ele próprio também revolucionou muita coisa. Acho que é super justa essa sua homenagem e é justo também que você esteja se debruçando sobre o trabalho dele, pois ele é realmente um entusiasta da psicanálise winnicottiana e nos contagiou com isso, né?

Achei muito legal. Estou vendo que você também tem se dedicado a ler Loparic. O artigo norte do seu texto é “É dizível o inconsciente?”. Foi esse o artigo norte de seu texto?

**Caroline Vasconcelos:**

Foi justamente esse texto de Loparic. É um texto denso, parece que tem 60 páginas. Bem, eu peguei o texto e a partir dele fui trabalhando um pouco com Heidegger, mostrando também a crítica de Heidegger a Freud, à ideia de um inconsciente causal. Foi a deixa para eu mergulhar. E foi assim que mergulhei nessa discussão sobre o inconsciente agônico e a memória primitiva, que está relacionada à vivência de um colapso, mas não foi experimentada porque o bebê ainda era muito novinho, era uma situação muito precoce e ele ainda não tinha condições de experienciar em primeira pessoa. O que significa ter a chance de uma regressão à dependência?

Em outras palavras, no manejo clínico winnicottiano, o que significa descongelar esse momento do amadurecimento que foi obstacularizado e, a partir daí, sob condição assistida, começar a retomar o amadurecer?

**Daniela Guizzo:**

Caroline, em 2021 você organizou com o prof. Eder Santos um livro chamado *Winnicott e a filosofia*, no qual escreveu um capítulo intitulado “A desconstrução do sentido unívoco de realidade: afinidades possíveis entre Heidegger e Winnicott”.

Cito um trecho dele para o público: “Esta contribuição da psicanálise winnicottiana lançou uma luz sobre aspectos que não são contemplados pelo campo da filosofia. O que nos faz crer que este é um autor incontornável para a discussão sobre este tema tão caro ao campo filosófico: os modos de lidar com a realidade, os vários modos de o ente humano habitar o mundo.”

Você retomou as ideias do seu artigo de 2005, sim? Aquele em que defende que tanto o filósofo como o psicanalista questionam o sentido unívoco de realidade legado da tradição moderna – de que é algo percebido objetivamente. Você pode nos falar inicialmente sobre a organização desse livro e depois sobre seu último artigo?

**Caroline Vasconcelos:**

É isso aí. Foi publicado no ano passado, um livro que tive a honra de fazer em parceria com Eder, que é um parceiro de décadas – desde a época de estudantes na Unicamp – com quem fiz muitos trabalhos, organizei obras, e por cujo trabalho nutro grande admiração. Comecei com aquilo que falei no início, e nós dois discutimos contra a tradição, contra a ideia de que só o mental é o acesso do ser humano ao mundo.

Foi só nesse texto mais tardio, do ano passado, que percebi que não é só isso. Winnicott tem algo a ensinar a quem estuda Heidegger. É algo que me veio da maturidade agora. Qual é a questão? Winnicott me diz que a sensação de ser real, o sentir que vivo em primeira pessoa, a noção de que minha vida vale a pena, o acesso à realidade e o próprio sentimento de real são todos frutos do amadurecimento. Assim, é importante que a gente pense especialmente no campo da loucura, no campo das doenças mentais de natureza psicótica, e saibamos que existe ali um ser humano que não está disponível, no sentido que o *Dasein* heideggeriano está disponível: eu estou no mundo, lançado no mundo, dando sentido ao mundo, me ocupando com o mundo e me sinto parte desse mundo.

Quantas pessoas padecem de não se sentirem no mundo, de não se sentirem reais ou, por vezes, de só se sentirem reais próximas de algo em modo defensivo? De não estarem vivendo a sua vida como alguém em uma posição a partir da qual viver? É por isso que finalizo

o artigo entendendo que Winnicott é um autor incontornável até para quem faz filosofia, ou seja, ele é incontornável para quem faz psicanálise.

Isso aí é uma coisa óbvia, porque ele vai apresentar um olhar sobre a psicose que não encontramos em Freud. Ele vai apresentar um olhar sobre um bebê que não encontramos em Freud. De modo que ele é incontornável para psicanalistas, mas é também, essa é a minha conclusão, incontornável para quem faz filosofia, uma vez que nos apresenta, em sua experiência clínica, a existência de pessoas que não estão no mundo, como o *Dasein* de Heidegger.

Assim, apesar do grande avanço de Heidegger, e eu reconheço isso no meu artigo, no meu capítulo, eu reconheço isso, esse grande avanço quando ele mostra: “Olha, não é só pelo mental, a gente está na vida cotidiana, fazendo no mundo dos afazeres”. É o que Heidegger chama de mundo circundante, e é isso aí mesmo. Agora, apesar desse grande avanço, ele não coloca o senso de não se sentir nascido, de não estar no mundo, de não compartilhar sentidos de realidade – e, é claro, nem poderia fazê-lo porque não era clínico, não atendeu pacientes psicóticos, não teve contato com essas experiências que muitas pessoas carregam consigo. Heidegger não poderia ter visto isso. Por isso acho que, se alguém gosta da filosofia da existência de Heidegger, se alguém se interessa pela filosofia de Heidegger, terá muito a ganhar lendo Winnicott.

Talvez, Dani, eu tenha sido um pouco categórica, dizendo que Winnicott é incontornável, mas é o que acho. Ele fez uma revolução na minha vida do ponto de vista dos meus estudos. E acho que leio melhor Heidegger hoje porque leio Winnicott. Talvez ele não seja incontornável, mas eu diria que é um autor importante até para quem faz filosofia. Eu entendo assim.

**Daniela Guizzo:**

Ótimo. Isso fica muito claro no seu artigo. Também recomendo a leitura do livro de modo geral, pois você e o Eder reuniram pessoas muito importantes nesse cenário, que estudam Winnicott e filosofia.

Carol, as últimas perguntas que tenho para te fazer, em função de a *live* ter um tempo limitado de 60 minutos, envolvem você ser hoje professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e colaboradora do programa de pós graduação.

E eu queria saber de você, como professora universitária, no seu caso na Bahia, como está vendo os estudos sobre Winnicott no Brasil desse lugar onde você está, onde pesquisa, onde dá aula. Hoje em dia se fala mais de Winnicott? Se estuda mais profundamente Winnicott dentro do ambiente universitário?

**Caroline Vasconcelos:**

Dani, assim, em comparação aos anos 90, quando fiz graduação eu praticamente só vi Winnicott em uma ou duas aulas, ao discutirmos fenômenos transicionais. Era o que a gente ouvia falar de Winnicott na graduação há um tempo atrás. Dos anos 90 para cá, a gente avançou muito. Winnicott tem sido estudado no Brasil e o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana faz um grande serviço a isso, com formação, com publicações... O IBPW está fazendo um fecundo serviço oferecendo não só formação em psicanálise winnicottiana, mas também eventos, colóquios e, o que é muito importante, publicações.

A gente tem desde 1999 a revista *Natureza Humana*, dedicada à publicação desses diálogos da filosofia com a psicanálise. E tivemos também a *Winnicott E-Prints*, que durou até 2015, uma revista com artigos preciosos. Hoje eu vejo Winnicott sendo mais lido – e muito mais lido fora da sombra de Freud. Lido como um psicanalista que ele é, que produz uma teoria própria, uma teoria que tem, claro, a herança da psicanálise freudiana na qual ele se formou, mas que também vai numa outra direção. Portanto, acho que melhorou, mas ainda precisamos muito mais Winnicott. O que percebo é que Winnicott é um autor que, quando temos a oportunidade de dar aulas sobre ele, permite que a gente faça a diferença.

Não sou hoje professora no curso de Psicologia, mas tanto em Feira de Santana como agora aqui na UESB em Vitória da Conquista, tive a oportunidade de ministrar a disciplina de Introdução a Winnicott no curso de Psicologia, uma optativa. Sou hoje professora mais no curso de filosofia, e o que percebi é que, quando ministrei essas disciplinas, houve uma comoção, as pessoas se encantaram com a teoria winnicottiana. Acho que é uma teoria que deveria ter mais na graduação, sabe? Deveria ter o elemento da teoria winnicottiana em disciplinas como teorias da personalidade. Quando a gente consegue colocar uma optativa dedicada exclusivamente a Winnicott, a ressonância é muito positiva. São essas experiências que me fazem acreditar que, cada vez mais, Winnicott vai ganhar espaço dentro da academia. Certamente, ele precisa de espaço no universo universitário.

**Daniela Guizzo:**

As universidades precisam de professores como você, Carol, que estejam dispostos a levar Winnicott. Na entrevista com o Eder, ele me contou que adquiriu toda a obra de Winnicott e doou para a Unicamp. Na entrevista com o professor Naffah, ele falou o quanto se preocupa com o fato de haver nas universidades brasileiras uma inserção muito grande de lacanianos e não de winnicottianos.

De modo que professores como você são muito importantes nesse sentido, Carol. Queria também que você falasse um pouquinho para as pessoas do seu trabalho no IBPW. Você

organizou um curso – que, aliás, está acontecendo no momento – com o professor Juliano Pessanha, sob coordenação da professora Vera Laurentiis, que se chama Winnicott e Heidegger. Queria que você apresentasse um pouco do curso para o público, que ainda está acontecendo e terá mais um módulo. Eu mesma posso dizer que sou sua aluna agora. E está cheio de alunos seus aqui no Instagram, mandando beijos e dizendo que você é uma ótima professora. Como eu também sou sua aluna nesse curso, queria que você falasse um pouquinho a respeito e convidasse as pessoas a participarem dele.

**Caroline Vasconcelos:**

Sim, claro. Esse curso tem me dado um prazer enorme. A Vera de Laurentiis disse: “Olha, acho que a gente precisa trazer mais filosofia para o Instituto, para o IBPW”. E me convidou: “Por que você não fala um pouco do Heidegger? Você e o Juliano.” O Juliano Peçanha, que é também uma figura que admiro muitíssimo.

Conversando sobre a ideia do curso, eu disse: “Olha, eu ainda sigo naquela coisa de entender que Heidegger e Winnicott, apesar de algumas diferenças, que eu pontuo, ainda têm muita afinidade”. Aprendi isso com textos do professor Loparic. O Juliano já vai numa linha de pensar os distanciamentos de Winnicott em relação a Heidegger.

Mas uma coisa a gente chegou em comum: por que não fazer um curso de afinidades e diferenças usando como luz, assim como um farol que nos guia, a obra de Loparic? Foi uma ideia maravilhosa, porque pude fazer um recorte temporal de mais de uma década – peguei de 1994 até 2006 – e apresentei, nos últimos quatro encontros, as afinidades que começaram a aparecer, apontadas por Loparic, em relação aos sentidos de realidade, à ideia do que é o primitivo em Winnicott, à crítica ao conceito de inconsciente como inconsciente reprimido apenas, e também ao conceito de pulsão. Este último é um conceito que Heidegger critica profundamente e que Loparic examina com em profundidade num texto de 1999 chamado “O conceito de *Trieb* na filosofia e na psicanálise”. Fiz esse recorte e acabei ficando muito emocionada, porque em todas as quatro aulas o professor Loparic assistiu ao meu curso, e assistiu atentamente.

Foi para mim uma experiência e tanto estar diante do professor Loparic fazer essa homenagem à história do itinerário do seu pensamento e à profundidade com que ele revoluciona esse diálogo. Me deu um pouquinho de nervoso: “Meu Deus”, pensei, “vou falar de algo cujo autor estará me escutando! Vou analisar obras e ele estará me ouvindo!” Mas gostei demais.

Ele também me deu um feedback, dizendo que gostou muito desse percurso, e até me convidou para escrever um livro sobre esse itinerário. É um desafio que aceitei de bom grado e espero ter tempo para levá-lo adiante.

**Daniela Guizzo:**

Eu posso dizer, do lugar de quem está assistindo, que realmente é muito emocionante. O curso tem sido muito emocionante. Assistir a você, ver ele lá presente, pensando, comentando, muito bacana. E também assisti ao último curso que você deu lá, sobre o caso Schreber. Aliás, recomendo que você dê novamente esse curso, que aconteça com frequência no instituto, porque foi muito interessante. Eu nunca tinha pensado o caso Schreber do modo como você pensou e adorei ser sua aluna nos dois cursos.

Eu comentei uma coisa para os alunos durante o curso que vou repetir aqui, vou repetir no Instagram. Sou orientanda do professor Loparic há muitos anos, desde 2000. Já o ouvi muitas vezes falar sobre Winnicott, sobre Heidegger e tudo mais. Assistindo ao seu curso, eu parecia uma criança vendo tudo pela primeira vez, porque traz tudo de uma forma tão agradável, tão articulada, tão dedicada, e nos permite inferir também o pensamento do professor Loparic para além do pensamento de Winnicott e Heidegger. Estou me divertindo muito e compartilhando isso aqui com as pessoas. Quem ainda quiser pode se inscrever. O curso ainda está acontecendo, ainda tem mais quatro aulas.

Carol, querida, o Instagram vai nos derrubar em nove minutinhos, mas eu queria agradecer muito sua participação no Boletim Winnicott no Brasil, nessa entrevista. Para mim é uma alegria, uma honra poder conversar com você e ter compartilhado, podemos dizer, uma vida inteira, 20 anos, como orientandas do professor Loparic, juntas estudando e conversando sobre Winnicott.

Muito obrigada pela sua participação no Boletim Winnicott no Brasil. Quero dizer para as pessoas que tudo o que conversamos aqui ficará salvo no Instagram e será transcrito para o Boletim. A entrevista inteira vai estar transcrita lá, assim como a sua autobiografia intelectual. Tudo que você já escreveu, toda a sua trajetória também estará lá no Boletim.

**Caroline Vasconcelos:**

Dani, eu que agradeço a oportunidade. É tão bom quando a gente pode honrar a memória das nossas histórias intelectuais, nosso itinerário. Todo mundo sabe como é dolorosa e solitária a pesquisa, o estudo. Quando a gente pode dividir, compartilhar, sendo mediada por uma pessoa tão generosa como você, afetiva, tendo esse holding aí dos discentes que eu estou sentindo também, os corações subindo...

Quero agradecer a vocês por estarem aqui, pela presença afetiva, pelo holding mesmo, e dizer que para mim é uma honra, porque respeito muito essa instituição que é o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana. Acho a iniciativa do Boletim Winnicott no Brasil genial, porque vai transformando as nossas histórias em documentos e em memórias que ficarão ali.

Agradeço muito a você e a todas as pessoas que estão aqui. Quero deixar aqui registrado especialmente o meu agradecimento ao professor Loparic e à professora Elsa Dias, que têm a digital dentro da minha história como estudiosa de Winnicott.